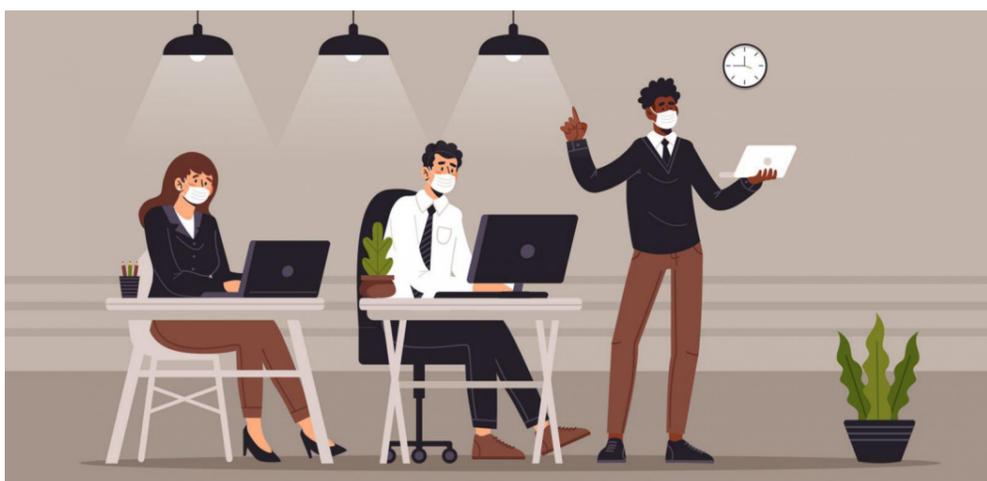


Comitê Regional de Crise do TRF1 avalia o retorno ao trabalho presencial em 2021



O presidente do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF1), desembargador federal Italo Fioravanti Sabo Mendes, conduziu, na última terça-feira, 15, a última reunião do ano do Comitê Gestor de Crise do Tribunal, que contou a participação dos diretores de foro (direfs) das Seções Judiciárias da Justiça Federal da 1ª Região, via plataforma Teams, e decidiu manter o plantão extraordinário no âmbito da 1ª Região até o dia 31 de janeiro de 2021. Eles discutiram sobre o nível de contágio do novo coronavírus nas seccionais, os índices de mortalidade e as situações em cada estado. Tudo isso para avaliar o retorno gradual ao trabalho presencial, sobretudo, das seções e subseções que ainda não deram início ao trabalho presencial.

Entre os pontos levantados pelo presidente do TRF1 estiveram, além das condições sanitárias e de saúde dos estados, o atendimento nos Juizados Especiais Federais (JEFs); a realização de perícias médicas e a necessidade de novas avaliações sanitárias nas seções e subseções judiciárias que darão início à etapa preliminar de retorno.

Os diretores de foro registraram que têm acompanhado as notícias e informações oficiais dos órgãos responsáveis pela crise

sanitária em seus estados sobre o aumento de casos de infecção pelo novo coronavírus e a crescente ocupação nos leitos de UTI.

O desembargador federal Marcos Augusto de Sousa, que preside o comitê, ressaltou que o recesso judiciário favorece a não disseminação do vírus, já que o número de pessoas dentro dos fóruns diminuiu significativamente. Ele acredita que somente as vacinas trarão mais tranquilidade para o retorno presencial ao trabalho na Primeira Região.

A diretora da Divisão de Assistência à Saúde (Diasa), Ana Alice Siqueira Santos Carvalho, defendeu a adoção de uma postura conservadora e sem relaxamentos antes da vacinação, além de ressaltar que os servidores estão bem adaptados ao teletrabalho adotado desde março na Primeira Região, com o início da pandemia no Brasil.

Comitê e diretores de foro ressaltaram, ainda, a alta produtividade experimentada com o teletrabalho e o uso de ferramentas digitais desde o início da pandemia.

O juiz federal Diretor do Foro da Seção Judiciária da Bahia Fábio Moreira Ramiro esteve presente na reunião, assim como os diretores de outras seções judiciárias que figuram o quadro da primeira região.

Missa de sétimo dia para mãe da juíza federal Nilza Reis acontece amanhã

A Igreja Santo Antônio da Barra irá realizar amanhã, dia 18, uma missa de sétimo dia em homenagem a Sra. Marinha Costa dos Reis, mãe da juíza federal Nilza Costa dos Reis.

A cerimônia será transmitida pelo YouTube no canal Santuário Santo Antônio da Barra.

Aniversariantes

Hoje: Igor Rodrigo Silva Souza (Nucaf), Marcos Paulo Miguel dos Anjos (Itabuna) e Alain Hegno Santana da Silva (18ª Vara).

Amanhã: Fernando Luiz Sampaio dos Santos (Nucod), Catarina Alexandra Mendes Viegas Moreira (Ilhéus), Emmanuel Caetano Santos Guerra de Santana (20ª Vara) e Victor Monteiro Vasques Pereira (24ª Vara).

Parabéns!

Margem da Palavra

Agradecimentos e um pequeno escrito sobre a minha mãe



poucas palavras sobre ela.

Agradecendo as gentis mensagens de solidariedade, neste momento tão doloroso, para todos nós, filhos, demais parentes e amigos da minha mãe, gostaria de registrar umas

Minha mãe, a quem depois de um tempo eu só chamava de “minha lindinha”, porque ela foi se transformando em minha filha, era uma mulher única até no nome: Marinha. Retirado de uma folhinha pela minha avó, como era hábito, para dar à filha o nome da santa do dia em que ele nasceu: 18 de junho. Minha mãe sempre foi uma mulher independente. Embora casada desde 1941, jamais experimentou a situação de pessoa relativamente incapaz, como estabelecia o sistema normativo pátrio até 1962. Ela era uma mulher de muitos reinos. O lar, onde às vezes se dedicava à cozinha - produzindo as “delícias de D. Marinha”, entre as quais estava o esperado e famoso peru de Natal, que surgia vestido de fraque negro, delicadamente elaborado com ameixas pretas. No lar também se dedicava à costura, criando as nossas lindas roupas, cujos modelos ela extraía do magazine “Burda”, e aos seus lindos bordados, lançando nas toalhas que nos deixou a sua trabalhosa “renda inglesa”. Às vezes diversificava. Fazia crochê, tricô e diversos trabalhos manuais que ela mesma inventava. Reproduziu em ovos o seu conjunto de café, inserindo neles as figuras existentes no modelo de louça original. Minúsculos passarinhos e flores estão no bule, na leiteira e nas xícaras feitas de ovos, com bordas colocadas para finalizar e evitar que partissem. O curral da fazenda também era o reino da minha mãe. Se o vaqueiro não estava, ela ajudava meu pai: tirava leite, vacinava o gado, virava o bezerro na barriga da mãe, quando a sua posição no útero estava invertida.

A loja que manteve em Mata de São João, onde moramos durante muitos anos, exigia o deslocamento da minha mãe para adquirir as mercadorias e os produtos que ela vendia. Então ela vinha à Salvador, ia à São Paulo, ao Rio de Janeiro e a outras localidades, para adquiri-los, geralmente acompanhada pelo meu irmão mais velho. Às vezes eu também a acompanhava. E adorava. Assim, conheci muitos lojistas de atacado: dos Kraychete Irmãos Ltda., da Casa Fahel, das Lojas Saffilhos, e outros comerciantes dos quais ela adquiria as mercadorias para a sua loja.

Foi no lar que a minha mãe ensinou os filhos a ler e a escrever. Quando eu ingressei na escola, ainda muito pequena, virei professora dos meus colegas. Lá em casa, cumprindo ordem de D. Marinha, era nosso dever ensinar aos serviços a ler e a escrever. Muitas vezes ela também assumia essa obrigação, servindo de exemplo.

Os livros e a música sempre foram prioridades em minha vida. E a minha mãe não nos negava nada nestas esferas, acompanhada, no particular, pelo meu pai. Meu irmão mais velho às vezes reclamava da condição de “motorista”, porque geralmente era compelido a nos trazer a Salvador para que pudéssemos assistir shows e ver filmes, que eu indicava, no que era respaldada pela minha irmã - Neidinha -, amiga e companheira de todas as horas. Ontem ela recordou as pastas feitas pela minha mãe, a cada fim de ano, para que nelas guardássemos os trabalhos escolares de cada período. Eram sempre as mais bonitas da escola, ante a dedicação e a perfeição do trabalho da minha mãe.

A disciplina lá em casa era rígida. As nossas brincadeiras só eram possíveis depois da elaboração dos “deveres de casa”, tarefas enviadas pelos professores com entrega marcada para o dia seguinte. Inevavelmente, porém, o afeto e o aconchego eram maiores. Trilhavam caminhos largos e luminosos. Assim, cumprido o dever, estávamos livres para as brincadeiras. E o quintal era o nosso mundo: lá estava o circo, a caravana, o sepultamento solene de pequenos animais e outras possibilidades nascidas da nossa imaginação infantil! Podíamos utilizar a cozinha, onde fazíamos balas de mel, pão de minuto e chocolate, além de participarmos das “coisas de D. Marinha”. Ajudávamos na feitura do bolo, do cuscuz, do beiju, da canjica e de suas inúmeras e deliciosas invenções culinárias.

Foi com minha mãe e com o meu pai que aprendemos a respeitar as pessoas, especialmente as mais humildes e as mais idosas. Com eles aprendemos a respeitar e a cuidar dos animais.

Com a minha mãe e com o meu pai aprendemos a acreditar em DEUS. A buscar o seu auxílio e a agradecer tantas dádivas que DELE recebemos.

Mas o mundo também era o lar da minha mãe. Por isso, agora, posso ver a sua imagem em Paris, sob a Torre Eiffel, próxima a um monumento na cidade de Viena, em meio a flores de um jardim situado em Buenos Aires ou em uma praça localizada em uma cidade qualquer do Uruguai e em tantas outras cidades que ela visitou. Porém, ainda buscando a minha mãe, a minha lindinha, eu a encontro, de forma extremamente significativa, dentro da caixinha de madeira na qual ela guardava as cartas de amor recebidas do meu pai, desde 1937, e que, de vez em quando, nos pedia para ler. Então, ela ficava ali, atenta, concentrada, silenciosa, ouvindo aquelas palavras, consignadas em um texto já envelhecido pelo tempo, mas que ela poderia ressuscitar através das memórias, das lembranças dos bons momentos que compartilharam na vida! Com muito pudor, manuseio uma dessas cartas, e, recorrendo também às palavras do meu pai, renovo os meus agradecimentos a todos aqueles que demonstraram e manifestam compaixão com a minha dor, concluindo: “Se eu pudesse colorir as minhas lágrimas, por certo estas linhas formariam um lindo arco-íris”.

Nilza Reis